



IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA SOCIOLINGUÍSTICA: PARA UMA SOCIOLINGUÍSTICA CRÍTICA¹

Josiane Boutet (IUFM de Paris e Université Paris 7)
boutet@linguist.jussieu.fr

Monica Heller (Université de Toronto)
mheller@oise.utoronto.ca

Tradução: Florence Carboni² (UFRGS)
carboniflorence@gmail.com

RESUMO: Na Sociolinguística, domínio do conhecimento reconhecido internacionalmente, existem hoje diversos posicionamentos em relação à concepção do prefixo "sócio". As autoras analisam três desses pontos de vista: a natureza social da linguagem; a criação de um campo interdisciplinar; a relação teórica entre línguas e sociedades. O artigo desenvolve igualmente a categoria "Sociolinguística crítica", proposta em 2002 por Monica Heller, aplicando-a ao domínio do trabalho, que essa abordagem vê como uma "key situation", na expressão cunhada por Gumperz.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística crítica. Abordagem etnográfica. Pesquisa sobre o trabalho.

RESUMÉ: La sociolinguistique est devenue un domaine internationalement reconnu et plusieurs positions quant à la conception du "socio" y apparaissent aujourd'hui. Les auteurs en examinent trois: la nature sociale du langage; la création d'un domaine interdisciplinaire; la relation théorique entre langues et sociétés. Les auteurs développent la notion de sociolinguistique critique proposée en 2002 par M. Heller et l'appliquent au domaine du travail considéré comme une "key situation" (Gumperz).

MOTS-CLÉ: Sociolinguistique critique. Approche ethnographique. Analyse du travail.

1 Introdução

A denominação do campo conhecido hoje como *Sociolinguística* deu lugar a muitos debates. Nos Estados Unidos, desde os anos 1950, surgiram diversas denominações para designar essa área do conhecimento: "Sociologia da linguagem", "Sociolinguística", "Etnografia da comunicação", "Psicolinguística". Segundo Dell Hymes, o termo único "*Sociolinguistics*" teria se imposto nos anos 1960, nos Estados Unidos. Na França, mesmo se a pesquisa dialetológica de Ferdinand Brunot³ pode, merecidamente, ser considerada inaugural do ponto de vista do estudo da variação social da língua, foi preciso esperar diversas décadas para que um domínio específico se constituísse verdadeiramente.

Em 1956, a denominação "Sociologia da linguagem" já podia ser encontrada no título da obra de Marcel Cohen, *Pour une sociologie du langage* [Para uma sociologia da linguagem]. No entanto, apesar de ser considerado como um precursor da Sociolinguística na França, ele nunca sugeriu o uso desse termo. Essa denominação impôs-se quase vinte anos mais tarde, no próprio título da obra *Introdução à*

¹ Tradução do artigo "Enjeux sociaux de la Sociolinguistique: pour une Sociolinguistique critique", de Josiane Boutet e Monica Heller, que saiu no número 121-122 (2007/3) da revista *Langage et Société*. O artigo original tem 13 páginas (305-318). As autoras (lembrando que Josiane Boutet é atualmente diretora da Revista) autorizaram-me a traduzir o artigo e publicar a tradução. (Nota da Tradutora)

² Doutora em Linguística pela Université Catholique de Louvain (Bélgica). Atualmente é professora na UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde, na graduação, trabalha na Licenciatura e Bacharelado em Línguas Modernas - Italiano, e, no programa de pós-graduação, é docente na linha de pesquisa Sociolinguística, com uma pesquisa focalizada nos temas Linguagem e classes sociais; Linguagem e escravidão; Políticas linguísticas; História linguística do Brasil; História linguística da Itália, a partir do materialismo histórico. Tem igualmente se dedicado à história das ideias linguísticas e aos estudos bakhtinianos.

³ N.d.T: Ferdinand Brunot (1860-1938) foi linguista e professor de História da língua francesa na Faculdade de Letras de Paris. Foi também responsável, junto com Emile Pathé, pela criação dos Arquivos da Palavra na Sorbonne. Em 1912, ele realizou, nas Ardenas franco-belgas, a primeira pesquisa dialetológica com gravação sonora.

Sociolinguística, de Jean-Baptiste Marcellesi e Bernard Gardin (1974) que, na França, contribuiu de forma decisiva para a construção da Sociolinguística enquanto disciplina. Ainda que o livro tivesse como subtítulo "A linguística social" e os autores discutissem longamente outras denominações, como "Etnolinguística" e "Sociologia da linguagem", o termo mais unificador acabaria sendo "Sociolinguística".

A proximidade, desde sua origem, entre a Sociolinguística e a Etnolinguística, no relativo aos métodos, aos objetos de pesquisa e às preocupações sociais, levou um autor como Andrée Tabouret-Keller a pleitear a favor da construção de uma disciplina integrativa que ela nomeou Antropologia da Linguagem (1997). Quanto à distinção entre Sociologia da Linguagem e Sociolinguística, ela foi objeto, na França, de um debate recorrente, iniciado em 1976 por Josiane Boutet, Pierre Fiala e Jenny Simonin-Grumbach e sempre reatualizado nas colunas da revista *Langage et Société*.

2 O que aconteceu com o sócio de Sociolinguística?

Mais de cinquenta anos após a emergência da Sociolinguística, um consenso parece existir quanto à especificidade desse domínio em relação às Linguísticas da Língua, assim como em relação à Análise de Discursos. A maioria dos Sociolinguístas consideram que esse domínio constitui uma disciplina na qual a pesquisa de campo é um dispositivo central, não importando os métodos de levantamento dos dados. Os dados do sociolinguista costumam ser orais, qualquer que seja o nome que o pesquisador lhes dá, em função de sua filiação teórica – atitudes discursivas, discursos, diálogos, interações, práticas languageiras, etc. –, já que a disciplina trata cada vez mais de dados comunicativos de diversas naturezas. Esses dados não podem ser construídos pelo pesquisador, nem acessíveis à sua intuição ou introspecção: isso é particularmente verdadeiro nas situações de plurilinguismo (cfr. Caroline Julliard, nesse mesmo número⁴). Na maioria dos casos, os dados não podem ser constituídos em *corpus* fechados e definidos segundo procedimentos rigorosos, diferentemente, portanto, do modo como operam os analistas de discursos. É nesse sentido que Josiane Boutet (BOUTET, 1994, p. 2-3) considerou a Sociolinguística como uma Linguística de campo:

Geralmente, o termo 'Linguística de campo' remete aos trabalhos dos etnolinguistas, dos americanistas ou africanistas. Parece-me útil não reservar esse termo às práticas de pesquisa e de linguistas ligadas a línguas pouco ou não descritas, mas estendê-lo a qualquer prática de linguistas que leve em conta, metodológica e teoricamente, as situações sociais nas quais são produzidos os materiais de linguagem objetos da análise,

em outras palavras à prática do sociolinguista. O estudo da linguagem ancorada nas suas condições sociais de produção – verdadeira petição de princípio da Sociolinguística em relação à Linguística – constitui de algum modo um comum denominador na Sociolinguística.

Contudo, nesses cinquenta anos, para além dessa base comum, produziu-se uma grande diversidade de trabalhos e de orientações e, atualmente, emergem diversas aceções e distintos

⁴ N.d.T.: *Linguagem e Sociedade* 2007/3 - n° 121-122, p. 235-245.

posicionamentos teóricos e metodológicos. Em particular, o que varia é o modo de apreender e conceber o "sócio" na própria denominação desse campo do saber. A seguir, apresentaremos três posicionamentos diferentes.⁵

1.1 A linguagem é de natureza social

Em relação às situações sociais de produção da linguagem, o prefixo "sócio" da disciplina pode ser considerado como um entorno da produção discursiva, como uma espécie de meio ecológico no seio do qual os locutores agem e falam. O fato desse meio ser necessariamente societal remete à ideia, de certo modo consensual, de que a produção da linguagem é sempre e necessariamente social; que ela sempre acontece no seio de uma dada sociedade, em uma dada época. Nessa perspectiva, não careceria problematizar a questão da sociedade (ou do social), nem precisaria interrogar-se de modo minucioso sobre os modelos sociológicos usados como referência. Bastaria, de certa maneira, assumir como dada a existência de relações, de vínculos de dependência entre certas características das sociedades e certas características dos discursos. Por exemplo, propriedades geográficas, localizações de cidades, deslocamentos de populações são relacionados com as realizações lexicais ou fonéticas dos locutores envolvidos. E bastaria então uma visão em termos de estratificação social (alto/baixo; *low level/high level*) ou em termos de categorização segundo parâmetros sociográficos clássicos vindo da estatística (como a idade, o sexo ou o gênero, o pertencimento social, etc.). Mesmo sofisticadas, essas análises mantêm uma natureza correlacionista, onde o linguageiro e o social são ligados por modos particulares de co-ocorrer.

1.2 Criar uma interdisciplinaridade

O "sócio" pode também ser considerado como um apelo a uma maior colaboração entre sociólogos e linguistas, como uma vontade de construir uma disciplina na interface entre a Sociologia e a Linguística. Nesse caso, o "sócio" seria uma abreviação não de "social" mas de "sociologia", assim como existe, na França, uma disciplina chamada "Psicosociologia". O termo Sociolinguística remeteria, nesse caso, à construção de um domínio interdisciplinar. Na França, não cremos que tal domínio tenha sido efetivamente criado: nesse país, todos os sociolinguistas provêm da Linguística, não da Sociologia, e a Sociolinguística é considerada como um domínio das Ciências da Linguagem. Não acreditamos que sociólogos franceses possam se reivindicar sociolinguistas. E a tentativa de alguns sociólogos (Pierre Achard, 1993; Bernard Poche, 2000) de construir uma Sociologia da Linguagem no seio dos estudos sociológicos não parece ter prosperado, apesar de ser perfeitamente factível, intelectualmente falando.

Mas, como sabemos, as configurações intelectuais e os recortes disciplinares são eminentemente variáveis em função dos países e das tradições acadêmicas. Assim, na América do Norte, a corrente da Etnografia da Comunicação encontra-se institucionalmente (e com esse mesmo nome) dentro da

⁵ Para uma história da Sociolinguística, ver Paulston et Tucker, 1997.

Antropologia Linguística; a Sociologia da Linguagem concentra-se em torno dos trabalhos de Joshua Fishman e é mais orientada para a planificação linguística; quanto à Sociolinguística, ela é mais sinônimo de Sociolinguística Variacionista, de tipo laboviano⁶, ainda que esse predomínio disciplinar tenha sido contestado. Na Inglaterra, com os trabalhos de Peter Trudgill, assiste-se ao mesmo desdobramento observado com William Labov (e, antes dele, com seu mestre, Uriel Weinreich), onde a Dialetologia, transformada em Sociolinguística Variacionista, dedicou-se cada vez mais à explicação da mudança linguística (e cada vez menos à construção de uma gramática da variação, isto é, antichomskiana). Foi somente pelos anos 1970, sob a influência de John Gumperz, que apareceu uma Sociolinguística Interacionista, que procurava sobretudo explorar os problemas da desigualdade social. Situada mais no domínio da Linguística Aplicada, essa corrente procura dar-se um perfil disciplinar independente, sob o nome de Etnografia Linguística.

No mundo anglofônico, parece haver uma distinção entre os que procuram explicar os fatos languageiros em relação ao social (desenvolvendo assim um discurso que vai ao encontro da abordagem chomskiana) e os que procuram explicar os fenômenos sociais através da língua. Os primeiros encontram-se institucionalmente abrigados na Linguística; os segundos, na Antropologia, nas Ciências da Educação, nos departamentos de Língua, Literatura e Cultura (estudos franceses, alemães, etc.) e, mais raramente, na Sociologia. Muitas vezes, essa clivagem corresponde a uma distinção epistemológica sobre a natureza da ciência, mantendo os primeiros uma posição mais positivista, separando a atividade científica da fonte de seus dados e de sua aplicação, enquanto os segundos veem sua atividade como parte de qualquer prática social, inclusive as que constituem o objeto de seu interesse científico.

1.3 Pensar a relação teórica entre a linguagem e a sociedade

O prefixo "sócio" pode também dizer respeito à necessidade de pensar o vínculo teórico entre a linguagem e a sociedade ou entre a produção dos discursos e a ordem social; de compreender o lugar da linguagem nas relações sociais; suas relações de mútua dependência; a ação intrínseca da linguagem concebida como uma práxis social, etc. Esse enfoque levanta diversas questões que não dizem respeito apenas ao domínio da Sociolinguística. Em primeiro lugar, recorramos ao linguista Emile Benveniste que adotou uma posição bastante radical a propósito das relações entre as línguas e as sociedades. Segundo ele, a língua é o interpretante da sociedade: "A sociedade torna-se significante na e através da língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua." (BENVENISTE, 1974, p. 96). Por isso mesmo, "é a língua que contem a sociedade" e não o inverso:

Aqui se vê como a relação semiológica se distingue de todas as outras, notadamente da relação sociológica. Se o sociólogo interroga-se, por exemplo, sobre a situação respectiva da língua e da sociedade – tema de muitos debates – e sobre seu modo de dependência mútua, ele, e provavelmente qualquer um que enfoque a questão em termos dimensionais, observará que a língua funciona no interior da sociedade, a qual a

⁶ Por exemplo, a obra de J. Chambers (2003) intitula-se simplesmente *Sociolinguistic Theory* e trata unicamente de variacionismo.

engloba; decidirá então que a sociedade é o todo e a língua, a parte. Mas a consideração semiológica inverte essa relação, porque somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade. Poder-se-á dizer, nesse caso, que é a língua que contém a sociedade. (BENVENISTE, 2005, p.63)

Essa perspectiva semiológica tem a vantagem de conceber a linguagem não enquanto vestimenta necessária dos pensamentos, das representações ou das crenças dos indivíduos, mas como o próprio fundamento da ordem social. Contudo, essa mesma perspectiva tende a autonomizar a linguagem em relação aos funcionamentos sociais, isto é precisamente onde a Sociolinguística procura compreender de modo preciso suas modalidades de interações.

Segundo John Gumperz (influenciado pela Etnometodologia e as ciências cognitivas), é pelo viés da comunicação na interação que os atores sociais constroem para si próprios um quadro de interpretação, que serve de fundamento para uma teoria local da realidade social. E já que as interações não recomeçam sempre *ex novo*, os membros de uma comunidade acabam estabelecendo convenções comunicativas que servem de indícios a quadros de interpretação culturalmente normalizados. Trata-se de seu conceito de *contextualization cues* (1982, traduzido em francês por *indices de contextualisation*)⁷. Para Gumperz, a língua é um sistema de recursos comunicativos que os locutores exploram na prática da criação de sentido. Mas, como esse recurso toma diversas formas em diversas comunidades e como a vida social implica julgar os recursos e as práticas dos outros, a língua acaba tendo um papel importante na produção e reprodução das desigualdades sociais.

Essa abordagem presume, no entanto, que as desigualdades sociais e linguísticas originem-se da produção de estereótipos produzidos no contexto de um choque de quadros de interpretação. Assim como os dialetólogos, os etnógrafos da comunicação pressupõem a existência de fronteiras sociais dentro das quais as diversas comunidades se desenvolvem, cada uma de seu modo, com seus falares, seus quadros interpretativos e seus valores. Gumperz presume que os atuais problemas sociais, ligados à língua, provém de uma certa forma de modernidade, onde a urbanização e as migrações põem em comunicação grupos que, antes, podiam se ignorar e que, portanto, não se compreendem e, logo, julgam os outros segundo seus próprios quadros. D. Tannen (1990) utilizou esse mesmo modelo para explicar as diferenças comunicativas entre homens e mulheres e as lutas de poder entre esses dois grupos "culturais".

No mundo anglo-americano, as críticas procedem sobretudo de dois ambientes: dos pesquisadores preocupados com as relações de poder pós-coloniais e pelo racismo (SINGH, LELE e *al.*, 1988; KANDIAH, 1991; SARANGI, 1994) e das feministas (por exemplo, UCHIDA, 1992). Eles afirmam que é preciso levar em conta o fato dos recursos linguísticos não terem o mesmo valor social (ainda que os sociolinguistas, da corrente de W. Labov ou de J. Gumperz e D. Hymes, afirmam que eles deveriam ter, já que tem o mesmo valor linguístico, segundo uma concepção moderna e científica da Linguística).

⁷ N.d.T.: *Indícios de contextualização* em português.

Alegam igualmente que os locutores sequer possuem poder de juízo sobre os outros nem os mesmos interesses pela produção de juízos equitáveis. Enfim, essas críticas defendem que os interlocutores levam em conta essas desigualdades nas suas práticas quotidianas; portanto não se trataria de um choque inocente de quadros interpretativos, mas de lutas de poder *no hic et nunc* das situações sociais.

Pode-se igualmente pensar a relação teórica entre linguagem e sociedade em uma perspectiva não mais estritamente de poder ou de desigualdades entre práticas, mas em uma perspectiva praxeológica, na qual a linguagem é concebida como uma prática social, uma praxis. Foi nessa perspectiva que Josiane Boutet e *alii* propuseram o neologismo "práticas languageiras", de modo a ancorar a reflexão do linguista em uma abordagem da linguagem que seja praxeológica e não mais formalizante ou estrutural. A ação própria da linguagem, esse "agir verbal" – no sentido que J.-P. Bronckart (1997) deu a essa expressão – sobre as situações, foi evidenciado por diversos dispositivos teóricos. Entre eles, é claro, o conjunto da corrente da Pragmática cujo objeto é precisamente de compreender e descrever a linguagem enquanto ato, em particular através das noções de performatividade, enunciados performativos e atos de fala. Precisamos igualmente mencionar a corrente da Etnometodologia e a corrente francesa da Praxemática. Portanto, a questão do poder próprio da linguagem origina-se da tradição filosófica e foi, a seguir, reatualizada pela Pragmática assim como pela filosofia de Habermas. Essa questão está também no coração da Sociolinguística Crítica.

2 Para uma Sociolinguística crítica

Segundo William Labov, é da confrontação com os fatos sociais, por um lado, e da capacidade de uma teoria linguística de dar conta desse cotejo, por outro, que provém a pertinência, ou não, de uma teoria: "Afinal, é a aplicação de uma teoria que determina seu valor." (LABOV, 1988, p. 182). Por aplicação, entenda-se a capacidade de sair do isolamento acadêmico, ocupar-se dos problemas da sociedade e "resolver as questões postas pelo mundo real" (*idem*). É nesse sentido que Labov referia-se a uma "Linguística secular", expressão que condensa uma afirmação científica tanto sobre modos de trabalhar quanto sobre objetivos e sobre objetos da pesquisa.⁸ Fazer uma Linguística "no mundo" significa ancorá-la, se não na realidade imediata – o que poderia reduzi-la a um aplicacionismo simplista –, ao menos nas preocupações, nos interesses, nos questionamentos de nossa sociedade. O envolvimento importante da corrente laboviana nos debates de sociedade nos Estados Unidos caracteriza-se por uma posição positivista dominante, isto é, pela aplicação a um problema social de um saber científico de especialista. Nas últimas décadas, a questão principal tem sido os vínculos entre o desempenho escolar e a competência na língua padrão e, mais especificamente, a tendência do sistema escolar estadunidense em reprovar (ou até mesmo eliminar do sistema) alunos de raça negra, sob pretexto de um déficit linguístico

⁸ É preciso enfatizar no entanto que os materiais languageiros dos variacionistas – na maioria das vezes, conversas – não constituem, ao nosso ver, a melhor maneira de elaborar uma Linguística secular.



e cultural. Labov foi o primeiro (seguido por outros, entre os quais John Rickfort e John Baugh) a trazer o próprio saber linguístico para mostrar a normalidade da fala desses alunos, contradizendo assim aqueles argumentos (RICKFORT, 1999; BAUGH, 2000). Contudo, o debate continua recorrente, como se o discurso especialista não conseguisse convencer, ou como se as relações de força não fossem favoráveis a discursos científicos racionais.

Os posicionamentos de John Gumperz levaram sobretudo a formulações em sensibilização intercultural. Mas, mais uma vez, a dúvida dos críticos (citados acima) diz respeito ao modo de levar em conta o valor social atribuído, queiramos ou não, às práticas culturais, à distribuição desigual do poder de juízo sobre o outro e às motivações desiguais de compreensão mútua. Observa-se igualmente que essa abordagem, apesar de seu interesse pela ação social e pela construção cultural da realidade social, possui a tendência perversa de reificar e essencializar as culturas e as comunidades.

A Sociolinguística Crítica, tal como foi elaborada por Monica Heller (2002), procura dar uma resposta a esses problemas. Em primeiro lugar, ela coloca no centro de suas preocupações, não mais a língua enquanto sistema, nem mesmo a sociedade como sistema ou como estrutura, mas a língua enquanto parte inerente às práticas sociais. Nessa visão, a sistematicidade da língua seria a que nós mesmos lhe damos (ALVAREZ-CACCAMO, 1998; AUER, 2007). A Sociolinguística Crítica explora as práticas sociais pelo que elas podem dizer a respeito dos modos como os locutores constroem o sentido, no âmbito da construção de relações de poder. Nessa visão, o sentido é compreendido como imbricado em relações sociais que são tanto relações de categorização (construção das fronteiras sociais, da diferença e da semelhança) quanto processos de exploração dessas categorias na estratificação, isto é, na distribuição desigual de recursos e de poder de produção, de distribuição e de atribuição de valor a esses recursos. A questão da estruturação social é um velho problema que, por muito tempo, ficou congelado na dicotomia macro-micro. Afirmamos que a Sociolinguística possui instrumentos privilegiados para superar essa dicotomia e repensar essa questão em termos de ações interligadas dentro de restrições simbólicas e materiais, com efeitos estruturantes. (GIDDENS, 1984) A Sociolinguística possui os meios para mostrar como as coisas acontecem, por que elas acontecem e com quais consequências.

Consideramos que as práticas sociais alvo da análise não são *sui generis*. Ao contrário, elas tem sua própria historicidade e seu alcance espacial. Toda interação coloca-se dentro de uma trama de interações ligadas no tempo e no espaço pelas trajetórias dos participantes, pelos efeitos das interações sobre a circulação dos recursos e pelas condições materiais que agem como limitações nas possibilidades de ação (GIDDENS, 1984). Portanto, abordagem deve dinamizar e ultrapassar conceitos fundadores, como *comunidade* e *interação*, e mobilizar um enfoque etnográfico que analise os processos de construção das diferenças e não mais comunidades estáveis. Uma abordagem que procure seguir as trajetórias dos atores e dos recursos (APPADURAI, 1991; MARCUS, 1995), em vez de se limitar a uma interação ou a um tipo de interações, em um determinado momento. Ela deve igualmente problematizar

os vínculos entre interações: quais são suas consequências e para quem?

Uma das referências da Sociolinguística Crítica é constituída pela distribuição desigual dos recursos materiais e simbólicos, por seu valor desigual e pelo seu funcionamento em um mercado simbólico, no sentido que Pierre Bourdieu deu a essa expressão. Isso associado a uma abordagem etnográfica, que situa os atores, as interações e os recursos nesses mesmos mercados, de modo a compreender os interesses e as possibilidades que influenciam as capacidades de ação dos participantes, assim como as ações que empreendem.

Desse ponto de vista, essa abordagem se diferencia da Análise Crítica do Discurso (CDA). Ainda que compartilhem um mesmo objetivo – que é de compreender como os recursos linguageiros são mobilizados para construir um sentido normalizado que sirva os interesses de uns mais do que os de outros –, os procedimentos metodológicos dessas duas abordagens são distintos. A CDA tende a se concentrar em formas estáveis de discursos ("textos") e não na construção interacional do sentido, fazendo desaparecer o processo e, com ele, a ação de pessoas identificáveis, cujos interesses podem ser demonstrados e não simplesmente tomados como fato adquirido. O único modo da CDA demonstrar a evolução no tempo é através de uma justaposição cronológica de textos. Mas, mesmo assim, é impossível reconstruir como certas ações são vinculadas a outras, ou quais consequências elas podem ter.

Enquanto abordagem etnográfica, a Sociolinguística Crítica interessa-se a espaços ou atores que permitem que sejam observadas práticas que tenham consequências na estruturação social. Tal posicionamento decorre do conceito gumperziano de "key situation". Tradicionalmente, no mundo anglofônico, a educação passou a ser objeto de estudo, enquanto exemplo típico de contexto suscetível de ter efeitos estruturantes. Foi igualmente o caso das entrevistas de emprego e as vinculadas a diagnósticos no ambiente médico ou no meio legal (MICHAELS, 1981; ERICKSON, 1982; GUMPERZ, 1982; O'BARR, 1982; PHILIPS, 1983; WEST, 1984; GUMPERZ, 1986; CICOUREL, 2002; SHUY, 2005). Apesar da reconhecida importância do mundo do trabalho, as pesquisas nesse tipo de meio são cada vez mais raras. O que tende a dominar no ambiente de trabalho são investigações de tipo etnometodológico (mais especificamente na corrente dos "work-place studies"), que focam a construção do saber na interação, e não seus efeitos estruturantes.

Para o sociolinguista crítico, as situações de trabalho constituem "key situations" por excelência. No plano teórico, observar a linguagem, analisar suas formas e suas funções nas situações de trabalho nos colocam no coração de um dos lugares sociais mais relevantes de transformação dos formatos das práticas linguageiras, como explicam F. Gardes-Madray e B. Gardin (1989, p.8): "É nessa fala [no e do trabalho] que se perpetra, mais claramente, o processo de produção contínua da linguagem, no qual praxis material e praxis linguística articulam-se dialeticamente". Nessa perspectiva, os universos de trabalho representam lugares privilegiados para observar a dinâmica linguística. J. Boutet e B. Gardin sublinharam a importância especificamente antropológica das situações de trabalho para observar e entender as

dinâmicas linguísticas:

Quando o linguista assume tais especificidades e delas faz seu objeto de estudo, as situações de trabalho aparecem como verdadeiros 'laboratórios da linguagem', expressão de Claude Hagège. Na esfera do trabalho, o linguista pode observar a sociogênese contínua das práticas languageiras, a articulação das funções referenciais, cognitivas e sociais da linguagem, e sua dinâmica e evolução em função das transformações dos dispositivos técnicos." (BOUTET e GARDIN, 2001, p.111)

De outra maneira e de um ponto de vista bem diferente, E. Goffman tivera também a intuição da centralidade da ação e da atividade laboriosa na gênese da linguagem:

E, de fato, se existe um cenário primitivo da linguagem, é preciso buscá-lo no grunhido ocasional que ajuda a coordenar uma ação na comunidade já estabelecida de uma tarefa conjunta, e não na conversa dentro da qual e pela qual surge um universo subjetivo compartilhado" (GOFFMAN, 1987, p. 151).

No plano social, graças a suas observações etnográficas e análises precisas, uma abordagem de Sociolinguística Crítica contribui à compreensão das atuais implicações sociais e econômicas dos usos e das práticas das línguas e da linguagem no trabalho. Na economia mundializada, tem evoluído consideravelmente o lugar e o papel das línguas e, portanto, das competências linguísticas e comunicacionais dos assalariados. Surgem assim novos assalariados e novos recursos econômicos. De modo independente mas convergente, identificamos essas evoluções econômicas de natureza linguística, e sugerimos que esses novos assalariados fossem denominados "operários da língua" – segundo M. Heller (Heller e Boutet 2006) –, e "trabalhadores da linguagem" – segundo J. Boutet (2001). Com essas duas designações, desejamos sublinhar o fato que, no setor de serviços, a linguagem e as línguas tornaram-se tanto um produto da atividade de trabalho quanto um fator de produtividade das empresas. Está portanto ocorrendo uma forma de mercantilização da atividade da linguagem, seja que ela se realize de maneira monolíngue ou bilíngue. A linguagem está-se tornando um novo "recurso natural", nos termos propostos por J. Boutet (2008), que está sendo explorado, como são explorados os recursos agrícolas, minerais ou petrolíferos. No setor dos serviços, a questão das línguas e da linguagem tem-se tornado uma questão central na construção da relação social entre clientes e assalariados, isto é, na "relação de serviço" (expressão e noção oriundas da Sociologia francesa). As diversas pesquisas empíricas de natureza etnográfica permitiram evidenciar as contradições que caracterizam a gestão dessas práticas languageiras no trabalho. As análises sociolinguísticas precisas dos diálogos e dos intercâmbios profissionais mostram que as formas de capital comunicativo bilíngue (HELLER, 2003) e de capital comunicativo monolíngue (BOUTET, 2006) são mobilizadas nas interações de trabalho, mas que elas são pouco reconhecidas e pouco valorizadas, até mesmo em nível salarial. A gestão, de tipo industrial-taylorista, dessas atividades verbais, tais como a observamos e descrevemos em muitas centrais de atendimento, tem causado problemas graves, uma vez que a língua não constitui um recurso natural como os outros.

Nossa retrospectiva (demasiadamente sucinta e parcial, simplificada ao máximo) da evolução da Sociolinguística mostra, ao nosso ver, uma disciplina dividida entre duas tendências. Uma tendência que

privilegia uma visão da língua e da sociedade enquanto inegavelmente ligadas, mas constituindo mesmo assim dois sistemas autônomos. Para a outra, a língua e a linguagem são uma prática social: prática sociológica e antropológica e prática languageira. A França conhece hoje um importante debate sobre a natureza das próprias ciências da linguagem, enquanto que, no mundo anglofônico, criaram-se nichos fora da Linguística, ao mesmo tempo que se contesta o domínio formalista nesse campo do saber. Nosso argumento é que a Sociolinguística não se situa entre a Linguística e a Sociologia e que ela pode, ao contrário, constituir uma fonte de teorização e de descobertas empíricas sobre a maneira como a prática social que é a linguagem nos informa sobre os modos como nos organizamos, como criamos sentido, como produzimos e distribuímos os recursos essenciais à vida. A crescente importância dos recursos e das práticas languageiras na nova economia mundializada torna, hoje, essa abordagem ainda mais pertinente.

Referências

- ACHARD, P. **La sociologie du langage**. Paris: PUF, Que sais-je?, 1993.
- ALVAREZ-CACCAMO, C. From "switching code" to "code-switching": towards a reconceptualization of communicative codes. In: **Code-switching in Conversation : Language, Interaction and Identity**. London: Routledge, 1998. p. 29-50.
- APPADURAI, A. Global ethnoscares : Notes on queries for a transnational anthropology. In: **Recapturing Anthropology**. R. G. Fox. Santa Fe: N.M., School of American Research, 1991. p. 191-210.
- AUER, P. The monolingual bias in bilingualism research: or why bilingual talk is (still) a challenge for linguistics. In: M. Heller (Ed.), **Bilingualism: A Social Approach**. London: Palgrave, 2007. p. 320-339.
- BAUGH, J. **Beyond Ebonics: Linguistic Pride and Racial Prejudice**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**, tome II, Paris: Gallimard, 1974. p. 96.
- BENVENISTE, E. Semiologia da língua. In: **Problemas de linguística geral**, tomo II, Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 43-67.
- BOUTET, J. **Construire le sens**, Berne: Peter Lang, 1994.
- La part langagiere du travail: bilan et evolution. In: **Langage et Société** 98, 2001. p. 17-42.
- Le conseil par telephone: un travail enonciatif. In: Galazzi, E. & Molinari, C. (orgs), **Les français en émergence**, Berne: Peter Lang, 2006. p. 112-129.
- **La vie verbale au travail. Des manufactures aux centres d'appels**. Toulouse: Octares, 2008.
- BOUTET, J., FIALA, P. & SIMONIN-GRUMBACH, J. Sociolinguistique ou sociologie du langage?. In: **Critique** 344, 1976. p. 68-85.
- BOUTET, J. & GARDIN, B. Une linguistique du travail. In: Borzeix, A. & Fraenkel, B. (orgs), **Langage et travail. Communication, cognition, action**, Paris: Editions du CNRS, 2001. p. 89-112.
- BRONCKART, J.-P. **Activité langagiere, textes et discours. Pour un interactionnisme socio-discursif**, Paris: Delachaux et Niestle, 1997.
- CHAMBERS, J. **Sociolinguistic theory : linguistic variation and its social Significance**, 2^o edition, Oxford: Blackwell, 2003.
- CICOUREL, A. **Le raisonnement médical : une approche socio-cognitive**. Paris, Liber, 2002.
- COHEN, M. **Pour une sociologie du langage**. Paris, Albin Michel, 1956.
- ERICKSON, F. **The Counsellor as gatekeeper : social interaction in interviews**. New York, Academic Press, 1982.
- GARDES-MADRAY, F. & GARDIN, B. (1989). Presentation. **Langages** 93, 1989. p. 5-8.
- GIDDENS, A. **The Constitution of Society**. Berkeley, Los Angeles, University of California Press, 1984.
- GOFFMAN, E. **Façons de parler**. Paris, Les Editions de Minuit, 1987.
- GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.



- (org.) **Language and social identity**. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- Interactional sociolinguistics in the study of schooling. In J. Cook-Gumperz. **The Social Construction of Literacy**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986. p. 45-68.
- HELLER, M. **Éléments d'une sociolinguistique critique**. Paris, Didier, 2002.
- Globalization, the new economy and the commodification of language and identity. In **Journal of Sociolinguistics** 7 (4), 2003. p. 473-492.
- HELLER M. & J. BOUTET. Vers de nouvelles formes de pouvoir langagier? Langue(s) et économie dans la nouvelle économie. **Langage et société** 118, 2006. p. 5-16.
- KANDIAH, T. Extenuatory sociolinguistics : diverting attention from issues to symptoms in cross-cultural communication studies. **Multilingua** 10 (4), 1991. p. 345-380.
- LABOV, W. The Judicial Testing of Linguistic Theory. In D. Tannen (org.), **Language in Context : Connecting Observation and Understanding**. Norwood : Ablex, 1988. (trad. fr. [1989]. La théorie linguistique à l'épreuve de la justice. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales** 76, p. 104-114).
- MARCELLESI, J.-B. & B. GARDIN. **Introduction à la sociolinguistique**. Paris, Larousse, 1974.
- MARCUS, G. Ethnography in/of the world system : the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology** 24, 1995. p. 95-117.
- MICHAELS, S. Sharing time : children's narrative styles and differential access to literacy. **Language in Society** 10 (3), 1981. p. 423-442.
- O'BARR, W. **Linguistic evidence : language, power and strategy in the classroom**. New York, Academic Press, 1982.
- PAULSTON, C. B. & G. R. TUCKER (orgs.) **The early days of sociolinguistics: memories and reflections**. Publications in sociolinguistics 2. Dallas : Summer Institute of Linguistics, 1997.
- PHILIPS, S. **The Invisible Culture : Communication in Classroom and Community on the Warm Springs Indian Reservation**. Prospect Heights, IL, Waveland Press, 1983.
- POCHE, B. **Les langues minoritaires en Europe**. Grenoble, PUG, 2000.
- RICKFORD, J. **African American Vernacular English : Features, Evolution, Educational Implications**. London, Blackwell, 1999.
- SARANGI, S. Intercultural or not? Beyond celebration of cultural differences in miscommunication analysis. **Pragmatics** 4 (3), 1994. p. 409-428.
- SHUY, R. **Creating language crimes : how law enforcement uses (and misuses) language**. Oxford, Oxford University Press, 2005.
- SINGH, R., J. K. LELE & *al.* Communication in a multilingual society: some missed opportunities. **Language in Society** 17 (1), 1988. p. 43-59.
- TABOURET-KELLER, A. From sociolinguistics to the anthropology of language. In C. Bratt Paulston & G. R. Tucker (Eds.). **The early days of sociolinguistics : memories and reflections**. Publications in sociolinguistics-2. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1997. p. 225-233.
- TANNEN, D. **You Just Don't Understand : Women and Men in Conversation**. New York, Morrow, 1990.
- UCHIDA, A. When "difference" is "dominance": a critique of the "anti-power-based" cultural approach to sex differences. **Language in Society** 21 (4), 1992 p. 547-568.
- WEST, C. **Routine complications : troubles with talk between doctors and patients**. Bloomington, IN, Indiana University Press, 1984.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de agosto de 2017.